

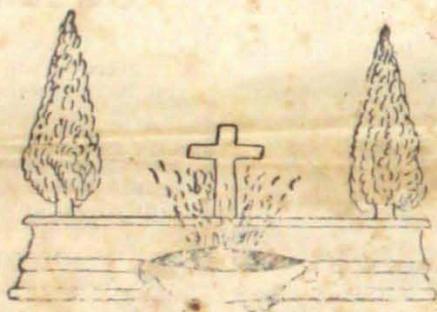


Ano I

Florianópolis, Novembro 1945

N. 9

## FINADOS



Nunca gostei de grande movimento no cemitério: luzes, flôres, coroas, homens a conversar, crianças a tagarelar. Por isso, no dia dos Finados, fui de manhã bem cedo, antes ainda do nascer do sol, quando ainda havia ninguém para me estorvar. Queria estar a sós com aquela que durante a sua vida foi a minha maior alegria, mas que Deus chamou junto de Si, minha mãezinha. Seu corpo agora descansa, tendo por teto a fria lápide de mármore debaixo dum cipreste, onde os passarinhos cantam, como se nada compreendessem da minha dor e das minhas saudades por aquela que está encerrada neste lugarzinho tão estreito.

Abracei a cruz de ferro, já gasta pela ferrugem, pois já faz cinco anos que estende seus braços e as letras do nome da defunta já são quasi ilegíveis. Assim fiquei, não sei quanto tempo, pois parecia-me ouvir uma voz. Sim, era a voz de minha mãe que estava ouvindo. E o que me dizia esta voz?

— Filho, durante a minha vida eu tantas vezes te disse: sê bom, sê honesto nas tuas ações, não faças mal a ninguém, sê grato a todos que te fazem o bem! E hoje, nesta hora matinal, onde não há ninguém entre mim e ti, neste silêncio de cemitério eu te pergunto: Filho, observaste as minhas palavras? Ficaste fiel? Ou te esqueceste dos conselhos de tua mãe? Cumpres ainda com os deveres religiosos, que eu te ensinára, quando tu eras ainda pequenino?

Parecia-me ver minha mãe, falando-me com aquela doçura e bondade que lhe era tão característica. Eu não podia senão soluçar, e abraçado com a cruz do monumento, eu lhe prometi: "Sim, minha mãe, prometo, prometo cumprir, custe o que custar". E estou certo, que ela, lá do alto do Céu, sorriu às minhas promessas e me infunde a força moral para lutar e para vencer!

Celestino Sachet  
1º Ginas. A

Mourir, c'est partir un peu !  
Le dernier mot du problème  
N'est pas sur la lèvre blême:  
Regardez vers le ciel bleu.

Ce qui survit dans l'Adieu,  
C'est le meilleur de soi-même  
Mourir, c'est partir un peu !  
O la douceur de ce voeu:

Si l'on quitte ceux qu'on aime,  
C'est avec l'espoir suprême  
De les retrouver en Dieu  
Mourir, c'est partir un peu !

(Tiercelin)

## Homenagem do "O Colegial" ao Antigo Aluno Dr. Luiz Gallotti



Ao Exmo. Snr.  
Dr. Luiz Gallotti,  
DD. Interventor  
do Estado de Sta. Catarina,  
aluno do Ginásio  
Santa Catarina nos anos  
de 1916—1921,  
possuidor de muitos prêmios  
internos  
e  
do Premio «Celso Bayma»  
no ano de 1919  
envia os seus respeitosos  
cumprimentos  
«O Colegial»

## COLUNA DO ANTIGO ALUNO



Para iniciarmos esta coluna temos o prazer de dar a palavra ao "Antigo Aluno", hoje Inspetor dos Cursos Clássico e Científico — Dr. Rafael G. Cruz Lima

### Reminiscências do Ginásio Catarinense

Acedendo ao convite do "O Colégio", órgão de difusão cultural dos alunos do Colégio Catarinense, para que, na qualidade de ex-aluno do tradicional "Ginásio" e de um dos seus inspetores, inaugurasse a secção que se inicia neste número, sob o título de "Antigo Aluno", externo meus sinceros agradecimentos, pela amabilidade e distinção a mim conferidos.

Como assunto de tema a abordar, lembrei-me que, nenhum melhor seria do que um retrospecto sobre o Colégio, então Ginásio, ainda sem o surto de progresso e de desenvolvimento porque tem passado, e, sem a magnificência de suas construções e instalações,



que o colocam na primeira linha dos estabelecimentos de sua classe.

Como lei natural das coisas, que tudo é passível de transformação, o tradicional Ginásio Catarinense, passou nestas duas últimas décadas, por grandes melhoramentos. O bloco de seus prédios que antigamente existia e do qual temos grata recordação, como a velha Portaria, que demolida deu lugar à sóbria e moderna construção que hoje existe; a ampliação da nova ala, com suas pedagógicas salas de aula; com seus perfeitos gabinetes de ciências; as modernas instalações higiênicas — duchas e vestiário — que nada deixam a desejar; a praça de esportes, com sua completa aparelhagem para a prática e exercitamento da educação física.

Com a retirada da velha e inadequada instalação sanitária, com o deslocamento do portão da entrada, possibilitou a todo que sobe o portal de entrada, uma visão ampla e grandiosa do conjunto dos prédios, até a velha e memorável figueira.

Apesar de toda grandiosidade do esforço persistente e férreo para a concretização desta realizações transformadoras, dignas dos maiores encômios, o velho Ginásio ainda quer se apresentar mais agradável, no aspecto de outros tempos, com a velha Portaria, onde às vezes que a ela eram chamados, causava-nos motivo de grande satisfação — as visitas — e, naquele tempo, não tão fáceis como hoje, pois o regime interno, obedecia outros princípios que não os de hoje. A liberalidade atual nada prejudica a formação dos educandos, muito pelo contrário, ela evoluiu de acordo com a época em que vivemos.

O espírito educacional que hoje rege a administração, melhor se coaduna com a índole estudantil — a liberdade — sem exorbitações, dentro do respeito e da ordem, com a precípua finalidade do ensino e seu aproveitamento. Graças a esta orientação, o Colégio Catarinense vem mantendo, com grandeza de ânimo, o conceito de que se firmou e do qual é merecedor.

Rememorando os tempos vivi-

## OS HOMENS

Deus, em essência todos iguais fez,  
Na trindade: nascer, lutar, morrer.  
Na vida, porém, classes temos três:  
Ricos, Burgueses, Pobres... Vamos ver:

Os ricos, sem coroa embora, reis;  
Excessos e etiquetas são prazer  
Com vil hipocrisia toda vez.  
Assim, felizes eles fingem ser.

Os médicos, ah! têm lá fóra, aparência,  
Em casa, privações com amargura,  
E de felicidade, quase ausência.

Os pobres, gente dócil, a candura.  
Servir, mendigar, única ciência,  
São mais felizes, essas almas puras.

Valmy Bittecourt — 2º Cl. — Grémio Cultural Pe. Schrader

### BIBLIOTECA DOS ALUNOS EXTERNOS

**Doação:** A biblioteca recebeu do sr. Dilson Faraco: O Último dos Mohicanos, por J. F. Cooper. Nossos agradecimentos ao generoso bemfeitor.

**Aquisições:** Secção A: Contos do Tio Quincas, 1ª série; Leituras Recreativas (Luiz Coloma); O Sobrinho da Rainha (José Spillmann); Aventuras do Barão de Munchausen; Robinson Crusoe (Daniel Defoe); História de um Marinheiro, 2 vols. (Frederick Marryat); Vida e Aventuras de Marco Polo (Antônio Aniante); Como Serpa Pinto Atravessou a África (Gastão Sousa Dias). — Secção C: Heróis Brasileiros (de Paranhos Antunes).

**Atenção:** Até o dia doze (12) de novembro todos os livros da biblioteca devem ser devolvidos. A data da reabertura da biblioteca será publicada por meio de um aviso na tabela.

dos, no então Ginásio, gratas e numerosas recordações temos sempre em lembrança — lembranças estas de que nunca nos esqueceremos —, da alvorada ao tóque de silêncio. Das renhidas competições futebolísticas entre Internato e Externato, realizadas no próprio "Campo-Grande" do Ginásio, naquele tempo, a melhor cancha da cidade, a que todos acorriam e ansiavam.

Dos costumeiros passeios à Chácara, à Lagôa, ao Morro da Cruz, às Furnas e outros que se realizavam e de que tanto se apreciava.

Das tradicionais festas internas, como o aniversário do Diretor, Dia de Santo Inácio (com rancho ultra melhorado e as célebres seis sobremesas)...

Do conhecidíssimo amarelinho que o mesmo irmão de hoje preparava!

Da realização dos trabalhosos dramas, ensaiados pelo Pe. Alberto Fuger, então Prefeito Geral, que causavam a todos verdadeira admiração pela sua perfeição!

Da camaradagem existente entre os colegas de divisão, das muitas rixas e da guarda da coluna do galpão, com a "abstinência da linguagem falada".

Dos amáveis convites para as quatro horas (naquele tempo)... não muito agradáveis em ser satisfeitos.

Da paciência, desvelo e esforço que nos dispensavam os nossos mestres e assistentes constantes. De tudo temos as mais gratas e satisfatórias recordações, de que nunca nos olvidaremos e que sempre nos fazem reconhecer o dedicado trabalho, a que denodadamente se empenharam, em prol da formação intelectual de seus educandos.

A eles, pois, em fazendo este retrospecto, nossos aplausos, reconhecimento e sincera gratidão.

Rafael G. Cruz Lima

### SALVE 8-11

dia do aniversário do Exmo. Sr. Dr. Rafael G. Cruz Lima, DD. Inspetor do Curso Colegial.

### BOLSA P. SCHRADER

Importância publicada	4.350,00
Dr. Luiz Gallotti	500,00
Anônimo	70,00
	4.920,00

### OBSERVANDO

Observando a natureza: **Duelo Mirmeco-forídeo.** (No pátio do Col. Catarinense).

A sargeta ainda está vasando água da enxurrada noturna mas umas formiguinhas (myrmex) muito meudas, pretas, já limpam o seu carreiro junto à sargeta, e por aí vão afanosas, incansáveis, carregando mantimentos para sua casa subterrânea.

Acocoro-me para observá-las, e eis, que vou assistir, sem convite, a um sensacional duelo, pela primeira vez.

Já a vejo, uma mosquinha minúscula, de reflexos negros, de azas desproporcionalmente grandes, ponteagudas. (Forídeo) A audaz aviadora sobrevoa arrojadamente o longo carreiro por onde fervilham formigas que, ao ouvir o zumbido inimigo, põem-se a pino em posição de defeza.

Com repetidos ataques consegue isolar incauta formiguinha... e agora carrega em repetidos e ferozes vôos picados sobre a condenada à morte.

A vítima empina-se, mostra as presas, foge covardemente; a aviadora a persegui-la impertinente com ataques cada vez mais velozes; a formiga, num momento em que se agachava rebeu um impacto direto: montando a cavaleiro lhe inoculou um ovo no corpo mole. Com a rapidez do relâmpago.

A seguir a aviadora vai repousar na beirada da sapata da casa, limpa as azas do pó da luta e ansiosa, escolhe nova vítima...

A formiga ergue-se meio tonta e, cambaleante, vai-se esgueirando para o carreiro e se enfileira com as demais, desaparecendo na toca escura.

Alguns dias mais e sentirá no seu corpo aguda dor, um verme, uma larva lhe corroe os intestinos: a futura mosquinha passa a sua metamorfose no corpo da formiguinha-vítima: do ovo a larva, da larva a pupa, da pupa a mosca.

A formiga, símbolo do trabalho, a mosca, símbolo do saltador... Formiga e mosca: símbolo do mundo moderno.

P. A. Braun

# UM DRAMA NO TIBETH

"No inverno do Tibeth bravio, inverno, que, lá naqueles confins longínquos do antigo mundo, começa em Janeiro e termina em Dezembro. Inhóspitas planícies e montanhas sempre cobertas pela neve e fustigadas constantemente pelas borrascas e ventanias, parecem desafiar o homem e resistir ao avanço da civilização e modernismo". "E perdido no recesso daqueles cumes gelados vagava Conway, famoso aventureiro londrino, em busca de um sonho. Sonho este que se patenteara em uma de suas anteriores expedições, quando, ao passar por uma vereda estreita e perigosa, com o risco de ser lançado ao abismo pela impetuosidade do vento e o escorregadio das rochas, avistou um extenso vale, rodeado pelos cumes, mais alto parecendo uma fantástica cratera de vulcão. Descortinou no fundo um rio marginado por férteis pastagens e, nos pontos mais salientes, engastados nas rochas escarpadas, vastos templos, edifícios majestosos e de uma arquitetura maravilhosamente talhada". "Lembrava-se que tinha desmaiado de cansaço e que ao acordar se vira rodeado por monges de roupa escura, que lhe dispensaram todos os cuidados. Depois de se restabelecer e convivendo (forçosamente) com eles, forçosamente também, tinha de lhes descobrir os mais apurados detalhes de vida e o seu grau de cultura. Conway sempre alimentara uma fome espiritual. Sua profissão de jornalista, porém, não lhe dava tempo para expandir o seu desejo de um mais íntimo conhecimento de Deus. Descobriu que aqueles monges tinham um grau de cultura superior. Tornando-se ele simpático a todos, o monge-Superior mandou chamá-lo. Constituía isso uma grande honra, pois ele tinha sido o fundador do mosteiro e com que dificuldades! Introduzido na sala viu-se na presença de um velho curvado sob o peso dos anos, sentado em sua alta cadeira. Por intermédio deste, soube que aquele recanto chamava-se Changri-Lá. O superior fez-lhe ver, que este era o único pedacinho do mundo, onde ainda reinava paz e socego, e que mais tarde seria o procurado por milhões de pessoas atormentadas pelas paixões humanas e vícios de um mundo degenerado". "No entanto o mundo todo anciava por notícias de Conway e este, apesar da benemérita hospitalidade dos monges, aproveitou um dia de pouco movimento nos templos para escapar; e ao atravessar a vereda verificou o violento contraste entre o clima de Changri-Lá e o de fóra. Enquanto naquele reinava um clima ameno e agradável, lá fóra rugia a borrasca de encontro às escarpas íngremes, cobertas pela neve. Depois de passar pelo desfiladeiro, peregrinou perdido por dois dias, indo dar exausto a uma Missão chinesa. Dali voltou a Londres. Mas, oito meses depois, arrependido e cansado das mundanidades londrinas, tomava um expresso aéreo para à Índia, de onde esperava encetar expedições ao Tibeth no intento de encontrar de novo Changri-Lá. Sim, seu espírito ansiava por paz naqueles anelos e aspirações de seu cérebro altamente irrequieto". "Chagando à Índia aprendeu a voar, roubou um avião do exército, foi preso, fugiu, ficando logo seu nome conhecido em todo o país como o "Homem-sem-coração", pois pensando na realização do seu sonho agia fria e indiferentemente em tudo". "Seis vezes quiz transpor o desfiladeiro já seu conhecido, e seis vezes foi forçado a voltar pela violência do tempo e a inclemência

da borrasca. Tornara-se mais sisudo, mas no seu coração formara-se uma firme decisão: a de chegar até onde queria, nem que isso lhe levasse a vida inteira". "E agora vemo-lo diante do desfiladeiro que seis vezes já lhe tinha posto à prova a tenacidade e desafiado à luta, sua fibra de aventureiro, cansado, quasi cego pela neve, lançou uma prece aos céus. Uma prece ardente de um homem perdido no caos de desespero que ainda possui um restinho de esperança. Uma prece que lhe permita chegar mais uma vez àquela recanto, onde se põe em prática a ética cristã: ser bondoso". "Já com o corpo parcialmente gelado avançava lentamente, as botas afundando-se na neve; o silvo agudo e o açoitar da rajadas de ventania enchiam-lhes os ouvidos. De vez em quando levantava a vista, esperando divisar aquela vereda tão almejada". "Em dado momento seu peito arfou de indivizível alegria, pois divisou uma pequenina fenda no alto de uma encosta gelada. Com um frenesí de entusiasmo, que lhe dava vigor invencível, dirigiu-se alucinado para lá; depois de seguir por estreitas sendas, com o perigo de cair em profundas grotas transpôs a vereda: seus olhos divisaram de novo aquele paraíso de seus desejos. Mas só por um instante, pois logo caiu sem sentidos, extenuadíssimo". "Conway arrostara tódas as dificuldades imagináveis, sacrificou uma existência que seria na sua anterior sociedade um mar de prazer e de divertimento para entregar-se àquela vida solitária de meditação e paz naquele recanto do inhóspito Tibeth bravio". "Que todos nós encontraremos um Changri-la, onde na mais completa intimidade com Deus, possamos elevar nossos espíritos mais para o alto, onde realmente encontraremos a verdadeira felicidade, a felicidade dos que cumpriram o seu dever primordial aqui na terra".

Dário da Rosa  
4º Gin. A

## TU SABES ?

### RESPOSTAS:

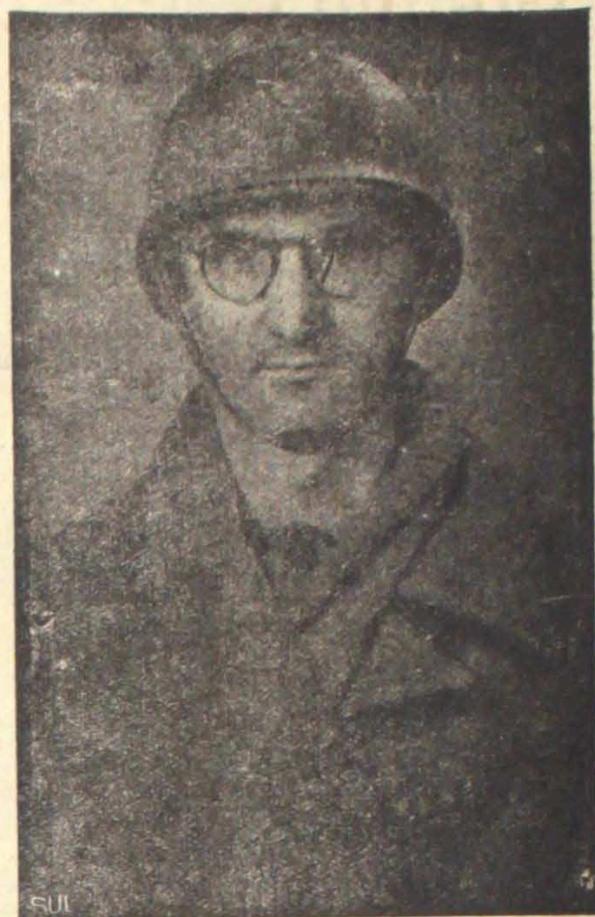
1. **Primeira Internacional:** fundada em Londres em 1864 e dissolvida em Filadélfia 1876. (Carl Marx).
2. **Segunda Internacional:** (de Amsterdã) federação internacional de sindicatos obreiros, na última década do séc. 19.
3. **Terceira Internacional** (de Moscou) em 1920: Internacional comunista (Komintern) criada por Lenine.
4. **Plínio o Velho** (Caius Plinius Secundus) 23 — 79: historiador, naturalista. Pereceu nos trabalhos de salvamento dos habitantes de Stabiae, na erupção do Vesúvio, 79 p. c.
5. **Plínio o Moço** (Caius Plinius Caecilius Secundus) 61 — 114 p. c. Advogado e administrador imperial, defendendo às províncias contra desmandos dos governadores. Correspondência com Imperador Trajano.

NOTA: Respostas certas enviou Werner Moeller, 1º Ginas. A.

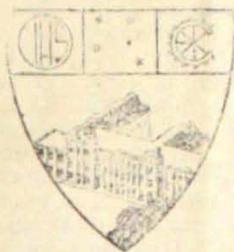
### PERGUNTAS:

1. Quando apareceu a primeira máquina de escrever?
2. Quem inventou o termômetro?
3. Quem construiu o primeiro automóvel?
4. Onde houve a primeira fábrica de fósforos?
5. Porque o nome de "bougie" para velas?

## P. TIAGO, CAPELÃO DA F. E. B.



Homenagem dos seus Ex-Alunos e do Corpo Docente do Colégio Catarinense



## Curiosidades históricas

"O Despertador", jornal comercial e político do Rio de Janeiro, 1839, escreve na coluna "Notícias das Províncias":

Santa Catarina.

As últimas notícias de Santa Catarina, recebidas pelo brigadeiro "Aurora", são de bastante importância: a revolta da guarnição da fortaleza da Barra do Sul, a sua entrega aos rebeldes, e a sua reocupação pelas forças fiéis; seguiu-se o ataque do morro dos Cavalos, em que as nossas forças tentaram, com felicidade, o primeiro ato de ofensiva, e com aquele triunfo abriram a série das operações que, sem dúvida, devem ter o resultado da completa expulsão da rebelião daquela província. Nas duas cartas que adiante se seguem, as quais nos foram comunicadas por pessoas do maior crédito, verão os leitores os pormenores daqueles dois importantes acontecimentos.

Desterro, 19 de setembro de 1839.

O estado atual desta cidade se acha do mesmo modo, acrescentando mais uma novidade, que é ter a guarnição da fortaleza da Barra do Sul sublevado-se. mataram o 2º comandante em lugar do 1º; e este amarraram e levaram para terra e depois de chegarem, mataram-no; o qual era um 1º tenente e marinha, chamado Guimaraes; e o 2º comandante, era alférez desta cidade, o qual veio para ser enterrado, como foi. Este acontecimento foi no dia 12 do corrente. A fortaleza se acha guardada outra vez por gente nossa.

O presidente não tem saído da cidade: o chefe Mariath é que anda para baixo e para cima; a nossa força acha-se ainda no morro dos Cavalos, em número de 1.000 praças. Os rebeldes tentaram abrir uma picada para cortar a reta-

guarda de nossa força; mas desta tentativa tivemos aviso. A força da fortaleza, depois que fizeram a desordem, foi para os rebeldes em número de 60 praças.

(Carta particular)

29 de setembro.

Saberá, que no dia 13 do corrente, às 5 horas da tarde, fundeu Aidem, na escuna "Pirajá" ao pé da fortaleza da Barra do Sul! Fez um desembarque com 30 marinheiros, e mesmo nessa tarde desencravou parte da artilharia que os rebeldes haviam encravado; no dia seguinte foi para lá um destacamento de guardas nacionais comandado pelo major Martins.

Ontem principiou a força legal suas operações, no que fomos muito felizes: na barra do Sul estava o patacho "Camarão", e outra escuna de guerra, acompanhada de três lanchões muito bem armados: principiaram a fazer foscas aos rebeldes que estavam no Pontal; e, enquanto se chamava ali a atenção de todos eles, a nossa tropa, estacionada no morro dos Cavalos, passou a outro lado do rio, e foi cercar os rebeldes dos quais matou três e aprisionou 1, e apanharam-se tódas as canoas de Macambú e Pontal, que montam a trinta e tantas, e muitos arreios, armamentos e lanças, e tódas as munições que ali tinham. Consta que a força que ali apareceu é de 350 homens, todos quasi dali mesmo, sendo muitos deles obrigados. Com este triunfo está a nossa tropa muito animada. Logo que se acaba de aprontar as embarcações, segue tudo para Laguna...

## Justificando o nome "Gremio C. P. Schrader"

Comemorando o aniversário natalício do reverendíssimo Padre Alvinho Bertoldo Braun, muito digno Diretor deste Colégio, educandário que é o vanguardeiro da instrução moral, cívica e patriótica da mocidade catarinense, sinto a necessidade imperiosa de consignar e louvar a orientação sadia de seu chefe, homem que alia aos inúmeros predicados pessoais a qualidade de infatigável batalhador em prol de um ensinamento cada vez mais produtivo.

A presente sessão, de aspecto solene, é uma das muito justas homenagens ao inconfundível mérito realizador deste bondoso mestre e amigo, nada mais é do que uma prova eloqüente do quanto o estimam aqueles que tiveram e têm a oportunidade de haurir os sábios ensinamentos, dele emanados, e as não menos precisas lições, ministradas por sua reverendíssima com especial carinho.

Assim sendo, na esperança de legar maior realce a esta significativa homenagem, à qual me associo com invulgar satisfação, escolhi o dia de hoje para discorrer sobre a vida exemplar do venerando e saudoso Padre Godofredo Schrader, que, numa feliz inspiração coletiva, foi escolhido para ser o patrono desta agremiação e cujo nome constitui um justo orgulho para os que fazem parte de seu quadro social.

O trabalho, em apreço, não possui caráter amplo, nem vasto. Em resumo, falta-lhe o feitiço de esboço biográfico. E assim o digo, para assinalar que uma biografia abrange o terreno histórico e requer da pessoa que lhe deu o primeiro sopro de existência, além de outros importantes atributos, perseverança na pesquisa e imparcialidade no julgamento. Ora, requisitos como esses, são próprios dos escritores desejosos da glória literária e, longe de mim, a pretensão de imprimir um mesmo cunho ao trabalho que apresento, pois, para um estudante que se inicia nos primórdios do aprendizado profissional, é esta uma tarefa quase sobrehumana, por assim dizer, inatingível.

Tem o trabalho, quero frisá-lo desde já como finalidade dominante, apresentar, em primeiro plano, as facetas predominantes nas atividades daquele virtuoso sacerdote, no decorrer dos anos de 1940 a 1941, quando ele o mestre, e eu o aluno. Si bem que as minhas impressões particulares possam vir de encontro a outros pareceres, desejo, ao iniciar a leitura, expressar que as mesmas impressões correspondem à perfeita realidade e são despidas de qualquer senso controvérsio.

Glorioso membro da Companhia de Jesus, possuidor de uma sólida cultura extensiva ao terreno científico, mestre absoluto na difícil arte do "bem e do como ensinar", era assim que o Padre Godofredo Schrader, até então um anônimo para estudantes jovens e inexperientes como nós, se apresentava com o nobilitante encargo de professor nas cadeiras de Física, Química, Apologética e Cosmografia, ciências pertinentes ao rol das disciplinas que seriam lecionadas na quarta série do Curso Ginasial, durante o transcurso do ano letivo de mil novecentos e quarenta, havendo de se notar, todavia, a sua especialidade na descrição dos fenômenos do Universo, objeto de profundo estudo na série seguinte.

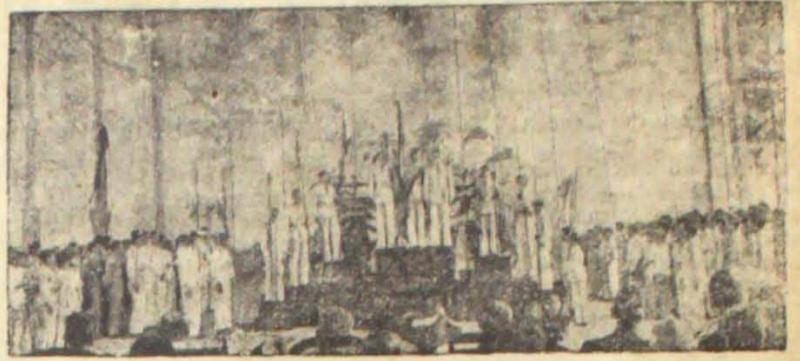
A única informação que eu obtivera a respeito do referido sacerdote, informação esta solicitada a um de seus ex-alunos, fora a de que o mesmo se distinguia por sua habitual severidade, tanto no tra-

tamento dispensado à classe, como também no critério dado às notas de aproveitamento a que faziam jus seus discípulos.

E foi com o espírito prevenido contra o que acabara de ouvir que, pela primeira vez no mencionado ano de mil novecentos e quarenta, entrei no recinto do antigo Ginásio Catarinense, afim de assistir às aulas do dia e entrar em contacto direto com o meu, hoje, saudoso mestre e conselheiro amigo.

Fazendo da palavra um instrumento de lapidação espiritual, foi assim que ouvi sua voz grave e levemente trêmula explicar a todos aqueles que o escutavam a necessidade de se encarar o estudo, não como um meio de satisfazer às exigências do progenitor desejoso em não empregar o dinheiro inutilmente, mas sim como fonte inexgotável de sabedoria, condição de suma importância na formação de todo o caráter destinado à futura vida cristã e ao convívio da sociedade; esta última, as mais das vezes, perniciosa e falsa. Sim, há de se concluir que o Padre Schrader, entre as lições ventiladas nas aulas a seu cargo, intercalasse mui acertadamente proveitosos conselhos com o nobre intuito de evitar que, aos seus alunos, pudesse acontecer insucesso futuro, eis que o mencionado sacerdote possui, a par de inúmeras virtudes, a capacidade de um verdadeiro educador. Não de educar moldado em métodos antiquados e contraproducentes, mas de um homem dotado de raro senso psicológico, interpretando aqui, as aflições do aluno como sentimentos próprios e um adolescente e dando-lhe acolá o necessário conforto espiritual, razão e ser dos rumos felizes que havia e seguir todo aquele que o procurasse com o intento de solver problemas espirituais e orgânicos, mesmo os mais causticantes.

Onde apontar aquela severidade que lhe era atribuída, talvez por discípulos relapsos que outrora não haviam sabido assimilar os preceitos do magno educador e que, no presente, se preocupavam em dar as informações mais injustas, com o fito de macular o bom nome daquele que fora um sábio? Era com a face, se bem que demonstrando ser de pessoa idosa, mas irradiando simpatia e confiança, que o dre Schrader arrebatava a atenção de seus alunos, ávidos em ouvir sua voz e apreciar as pacíficas experiências que o mesmo fazia, por ocasião das aulas de Física e Química. Caso fôssem coroadas de algum insucesso, resignadamente repetia o nobre mestre as experiências feitas, fator esse de grande admiração por parte da aula, sempre atenta e desejosa em colaborar. Estava, pelo que se depreende e segue mais adiante, completamente destruído aquilo que lhe havia sido imputado como defeito. Ao revés da severidade, usava o benigno sacerdote um modo bastante suave para punir os alunos geniosos e desprovidos de educação elementar. Maneirosamente solicitava que se retirassem os mesmos da aula e, uma vez no campo, local escolhido pelos faltosos, que meditassem sobre o mau ato praticado, motivo de grande constrangimento por parte do educador, sempre desejoso de evitar a prática do castigo. Deante de um tal gesto, próprio de pessoa versada em matéria educacional, o aluno infrator sentia-se acanhado e arrependido pela interrupção causada ao bom andamento da aula, tanto que, com a alma transbordante de remorso, procurava inevitável e furtivamente dirigir-se ao P. Schrader, pedindo-lhe reiterados perdões e prometendo tornar-se um aluno digno de



Salve, lindo pendão da Esperança, Salve, símbolo augusto da Paz

sua amizade e merecedor de sua complacência.

E então o venerando sacerdote, com aquele seu sorriso discreto, mas traduzindo singela bondade, perdoava e se mostrava grato, pois, dizia ele, o arrependimento era uma das faculdades que mais apreciava.

Onde apontar aquela severidade, repito, no tocante ao julgamento das notas índice da pouca ou muita produtividade que apresentavam nos estudos aqueles que eram os seus protegidos, para não mencionar o substantivo alunos? Profundo conhecedor do quanto se torna premente impedir que o discípulo decore as lições que lhe são destinadas ao estudo, era, com regular frequência, que o Padre Godofredo Schrader costumava frizar sua especial predileção pelos trabalhos elaborados à mercê do estorço intelectual, assim, a maneira caprichosa por que se baseava o critério consubstanciado na feita das notas de aplicação. Acrescentava, ainda, aquele inesquecível sacerdote que a verdadeira cultura do indivíduo não se resumia apenas na assimilação nua e crua dos ensinamentos contidos nas obras, quer literárias, quer de caráter científico, mas sim consistia ela tão somente no desenvolvimento e consequente beneficiamento desses mesmos ensinamentos, por intermédio do aluno estudioso. Ora, se um tal ensinar espelha severidade, necessário então se torna o afastamento do mencionado vocábulo, para ceder espaço ao substantivo sabedoria!

Por estas e outras qualidades, de igual distinção, foi o Padre Godofredo Schrader, ao finalizar o ano escolar de mil novecentos e quarenta e um, por unanimidade, apontado como paraninfo dos alunos da quinta série, ansiosos por expressar a sua natural afeição pelo mestre que fora para eles um segundo tutor. Relatar a indizível alegria que se apossou daquele nobre sacerdote, ao saber de sua escolha, é cousa impossível de ser feita, mas, com oportuna felicidade, lembro-me de que as suas palavras foram as seguintes: — "Eu já os esperava". Não posso, por outro lado, jamais esquecer-me do dia destinado à cerimônia da entrega dos diplomas aos estudantes, que acabavam de encerrar os estudos na quinta série do curso ginasial. O Salão Nobre, repleto de famílias ligadas aos bacharelados, convidados, além de vários curiosos, dava ao meio ambiente uma sensação de tranquilidade e harmonia, contribuindo, como auxiliares valiosos, as artísticas ornamentações, por nós improvisadas. Anunciado o momento em que o paraninfo da turma ia proferir sua oração, foi o Padre Godofredo Schrader recebido com entusiástica salva de palmas, tendo como ponto de partida aqueles que o iam deixar saudoso.

Olhando fixamente para o local, onde nós, alunos, estávamos sentados, assim falou o inolvidável mestre! — "Meus caros e queridos quintoanistas..." Sua voz continuava a ser a mesma, outrora ouvida no decorrer das aulas; mos-

trava-se, entretanto, neste dia, de uma estranha sonoridade, de uma tonalidade mais viril! Daí por diante, sua peça oratória foi uma síntese de virtude cristã, uma apoteose de saudade e uma providencial bússola destinada a indicar o rumo certo a que as nossas atividades deveriam obedecer, pois, a severou ele, éramos ainda demasiadamente jovens para enfrentar lutas insanas, no porvir.

Terminada a leitura de sua impressionante oração de preces fervorosas ao Todo Poderoso pela nossa felicidade pessoal, não pudemos esconder algumas lágrimas furtivas, todas elas de afeto sincero a quem significava para nós, um símbolo de bondade e um exemplo de rara dedicação. As ovações dirigidas àquele virtuoso filho de Santo Inácio prolongaram-se por algum tempo, patenteando, por assim dizer, a admiração causada entre o auditório, pelos salutaros ensinamentos contidos em sua oração de adeus.

Após o que, entre apertos de mão e estreitados abraços, nós o acompanhamos até o patamar que dá acesso a este estabelecimento de ensino, sem conseguirmos esconder a impressão de que no ato de despedida, não ficava ao idoso Padre Schrader reservado um relativo período de descanso, oportunidade preciosa para quem precisa de repouso compensador das energias dispendidas em labor incessante, eis que o ilustre religioso empregava tal espaço de tempo no estudo metódico, alimento preponderante de sua invejável cultura, dirigida não só para o esclarecimento dos problemas transcendentes, como também para o caminho que leva à conquista do verdadeiro!

Estão aí, como prova incontestável do que acabo de afirmar e como patrimônio de incalculável valor, as obras e tratados deixadas pelo venerando jesuíta, no seu longo peregrinar por esta Terra.

E, naquela tenebrosa noite de dez (10) de fevereiro do corrente ano, após longo e resignado sofrimento, o modelar sacerdote entregava sua alma ao Criador, que, onipotentemente, decidira chamá-lo para si, galardoando-o com a felicidade eterna.

Rude golpe sofreram os seus irmãos de hábito e igual tristeza se apossou daqueles que haviam sido seus alunos queridos, quando souberam do falecimento do Padre Schrader.

Nossos mesquinhos interesses terrestres houberam por bem censurar o desaparecimento do grande servo de Deus, lastimando que o destino, para não mencionar a providência, tivesse sido tão injusto.

E hoje, quando invoco a imagem do Padre Godofredo Schrader, para expressar o quanto é veneranda a sua imperecível memória, faço um preito de gratidão sincera àquele que foi, acima de tudo, um homem sábio e um santo!

Hélio Saciloti de Oliveira  
2ª Série Clássica